



Os desafios das crianças com autismo à Educação Inclusiva

Núbia Maria Gomes Silveiraⁱ 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Laissa Karen Faustino Santosⁱⁱ 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Francinalda Machado Stasczakⁱⁱⁱ 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

PAGE

Resumo

O Transtorno do Espectro do Autismo, conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, é caracterizado como um transtorno do neurodesenvolvimento. Nos dias atuais o índice de crianças diagnosticadas com esse transtorno aumentou e estão cada vez mais presentes nos ambientes socioeducativos. O objetivo deste estudo é refletir sobre os desafios das crianças com autismo no contexto da educação inclusiva. No aspecto metodológico optamos pela pesquisa com abordagem qualitativa (FLICK, 2009), de cunho bibliográfico (SOUZA; OLIVEIRA; ALVES, 2021) realizada por intermédio de uma revisão da literatura a fim de acessar pesquisas que enfatizam a produção do conhecimento no que concerne ao autismo. Conclui-se, portanto, que os processos de aprendizagens dos alunos com autismo são mais suscetíveis ao sucesso quando estes recebem estímulos pautados em atividades lúdicas, favorecendo assim, a interação entre todas as crianças inseridas na Educação Básica.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro do Autismo. Aprendizagem. Educação inclusiva.

The challenges of children with autism to Inclusive Education

Abstract

Autism Spectrum Disorder, according to the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders is characterized as a neurodevelopmental disorder. Today the rate of children diagnosed with this disorder has increased and are increasingly present in socio-educational environments. The aim of this study is to reflect on autism and challenges in the context of inclusive education. In the methodological aspect, we chose to research with qualitative approach (FLICK, 2009), bibliographic in nature (SOUZA; OLIVEIRA; ALVES, 2021) conducted through a literature review in order to access research that emphasizes the production of knowledge with regard to autism. It is concluded, therefore, that the learning process of students with autism are more susceptible to success when they receive stimuli based on in playful activities, thus favoring the interaction between all children inserted in the school environment.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Learning. Inclusive education.

1 Introdução

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9394/96 (BRASIL, 1996), no art. 4º, inciso III, é assegurado o atendimento educacional especializado aos educandos, estabelecendo que é dever do Estado garantir o “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1996). Sendo que o capítulo 5, trata especificamente dos aspectos que dizem respeito à Educação Especial, porque nem todos conseguem participar das vivências propostas sozinhos, pois irão depender de apoio especial para se desenvolverem no espaço escolar. É o caso de crianças que possuem o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) condição que afeta significativamente o aprendizado.

Sublinha-se, portanto, que o ambiente escolar é “um espaço que envolve, principalmente, os fatores sociais, motoras, cognitivas e afetivas da criança” (OLIVEIRA NETO, 2020, p. 02). Fatores estes que se materializam a partir da convivência entre as crianças, potencializando diversas formas de abordagem a fim de desenvolver aprendizagem e a formação cognitiva de todas elas.

É importante compreender que Educação Inclusiva e Educação Especial são categorias distintas, mas que se relacionam, e que os alunos com autismo são público-alvo da Educação Especial.

A Educação Especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os serviços e recursos próprios desse atendimento e orienta os alunos e seus professores quanto a sua utilização nas turmas comuns do ensino regular (BRASIL, 2008, p. 16).

No ambiente escolar, a Educação Inclusiva dá-se a partir da participação efetiva de todas as crianças, sem distinções, em todas as atividades propostas pela escola, haja vista que se espera que a escola engaje-se em promover o desenvolvimento integral dos alunos, independentemente das suas singularidades, especificidades ou deficiências (ARRUDA, CASTRO; BARRETO, 2020).

De acordo com o Censo Escolar, entre os anos de 2015 e 2019 (BRASIL, 2020, p. 22), houve um crescente número de crianças autistas matriculadas na

educação básica¹. No entanto, é crescente também a preocupação com a aprendizagem desses alunos e de como podem ser feitas intervenções e adaptações no currículo e na dinâmica escolar para atender aos alunos e proporcionar o real direito à inclusão em sala de aula.

Antes, porém, de entender o que pode ser feito para auxiliar e proporcionar o desenvolvimento pleno das crianças autistas, é necessário entender o significado do TEA, entendido “como uma deficiência persistente e clinicamente significativa que atinge especialmente a comunicação verbal e não verbal, a reciprocidade social, a criatividade e a dificuldade de estabelecer relações apropriadas” (BORGES, 2020, p. 09). A inflexibilidade é outro aspecto a ser destacado. “Com frequência, as pessoas com transtorno do espectro autista são muito resistentes a mudanças, tais como novos alimentos, brinquedos, organização dos móveis e roupas” (SULKES, 2020). Isto posto, a inquietação que nos levou a este estudo foi: Quais os principais desafios enfrentados no contexto da educação inclusiva? Portanto, nessa perspectiva, este estudo teve como objetivo principal refletir sobre o TEA e os desafios no contexto da educação inclusiva, ou seja, entender quais os desafios e as possibilidades na aprendizagem de alunos com TEA e o que fazer para contribuir na viabilização e construção de novos conhecimentos e novas habilidades desses alunos.

Portanto, destaca-se a relevância de se desenvolver estudos sobre o Transtorno do Espectro Autista, bem como acerca da sua intrínseca relação com a educação inclusiva, uma vez que a pesquisa pode favorecer o entendimento e assim, promover a escola inclusiva de fato e de direito.

A fim de sistematização, este escrito compõe-se de quatro seções, a saber: (1) Introdução, em que foi apresentada a temática, os objetivos e a relevância deste estudo; (2) Percurso metodológico, em que se abordou acerca do caminho desenvolvido pelas pesquisadoras, bem como os autores que embasaram este estudo; (3) Resultado e discussões, espaço este que se trouxe as principais ideias dos pesquisadores sobre a TEA no contexto da Educação Inclusiva; por fim, (4)

¹Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mec-lanca-documento-sobre-implementacao-da-pnee-1/pnee-2020.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2021.

Considerações finais, em que foi retomado o objetivo do estudo, bem como as reflexões das autoras acerca da temática ora desenvolvida.

2 Percurso metodológico

Ancorada numa abordagem qualitativa, uma vez que esse tipo de estudo leva em consideração as subjetividades, os valores implicitamente abordados, a dialética e a complexidade das relações entre os sujeitos. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa é, portanto, “de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas sociais” (FLICK, 2009, p. 20).

No que consiste ao método, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, pois conforme os estudos de Souza, Oliveira e Alves (2021, p. 64)

A pesquisa bibliográfica é o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico o que necessita uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que irá executar o trabalho científico e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho científico.

A partir dessa perspectiva, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos científicos e outros materiais a fim de compreender como ocorrem - ou como deveriam ocorrer -, as adaptações curriculares no ensino regular para incluir e auxiliar o aprendizado de alunos com TEA.

Destarte, neste caso, constituem-se como elementos para a escolha das pesquisas selecionadas, primeiramente as subjetividades que permeiam os interesses das autoras deste estudo, depois, a escolha esteve ligada às obras que colaboram no sentido de tecer reflexões sobre o Transtorno do Espectro do Autismo, bem como por sinalizar os caminhos a seguir em relação à educação efetivamente inclusiva. Com esse fim, elencam-se as pesquisas dos seguintes estudiosos: Salle et al. (2005), Cunha (2005), Gaiato e Teixeira (2018), Dumas (2011), Bosa (2002) dentre outros, com os quais discutiremos acerca da temática, elencando suas principais contribuições para a pesquisa sobre a Educação Inclusiva.

3 Resultados e discussões

Autismo é um transtorno que ocasiona problemas no desenvolvimento da criança, implicando sobretudo em dificuldades nos aspectos relacionados à socialização como interação, comunicação, participação em atividades coletivas e, por conseguinte, o aprendizado (ALVES; LISBOA, 2010, p. 02).

Ainda que haja um número significativo de crianças diagnosticadas com autismo no Brasil, não há estudos de prevalência sobre o autismo que apresentam números oficiais. Sobre esse aspecto, Paiva Júnior (2019, p. 20), assevera que:

O que podemos é dizer que o país “deve ter” ou “pode ter” aproximadamente 2 milhões de pessoas com autismo, segundo estimativas globais da ONU de 1% da população ser autista, aproximadamente. O Brasil, conforme projeção do IBGE, ultrapassou os 208 milhões de habitantes em agosto de 2018. Ou seja, não dá para afirmar um número cravado. Não o temos.

Caracterizado principalmente como transtorno do desenvolvimento grave, o entendimento acerca do espectro do autismo ainda gera dúvidas. No que se refere à definição de autismo, Gaiato e Teixeira (2018, p. 13) ressaltam que,

Podemos definir autismo ou transtorno do espectro autista como uma condição comportamental em que a criança apresenta prejuízos ou alterações básicas de comportamento e interação social, dificuldades na comunicação, por exemplo, na aquisição de linguagem verbal e não verbal; alterações na cognição e presença de comportamentos repetitivos ou estereotipados. É importante entender que existe um atraso significativo nos marcos de desenvolvimento dessas habilidades, e essas características aparecem nos primeiros anos de vida da criança.

Não é um quadro diagnóstico da atualidade, mas está cada vez mais presente na realidade dos espaços socioeducativos. Manifestado antes dos dois anos é um assunto que constantemente está na mídia, mas ainda assim, é desconhecido para muitos brasileiros.

Destarte, ainda conforme Gaiato e Teixeira (2018, p. 14), “outra característica comum encontrada em crianças no espectro autista são os prejuízos de cognição. Estima-se que cerca de 50% das crianças no espectro autista apresentam prejuízos

na capacidade intelectual”. Sendo essa uma das dificuldades que as crianças com autismo encontram no contexto escolar.

No decorrer do tempo, questionamentos e hipóteses foram levantados para explicar esse transtorno, como em 1906, o psiquiatra Plouller, ao estudar comportamentos de isolamento social e dificuldades de expressão verbal e não verbal em pacientes afirmou que estes tinham esquizofrenia (SALLE; et al., 2005). Os autores destacam ainda que “foi Bleuler, em 1911, o primeiro a difundir o termo autismo, definindo-o como perda de contato com a realidade, causada pela impossibilidade ou grande dificuldade na comunicação interpessoal” (SALLE; et. al., 2005, p. 11).

Em 1943, Leo Kanner, definiu critérios importantes que seriam o eixo do autismo, como: a dificuldade nas interações sociais, tendência de isolamento social e a dificuldade na manifestação de afeto. Kanner associou a dificuldade de manifestação de afeto a traumas vivenciados no âmbito familiar e categorizou as mães como “mães frias” ou “mães geladeiras”, levando muitas mães a sentirem-se responsáveis pela condição particular dos filhos (DUMAS, 2011). Mais tarde, Leo Kanner retratou-se e levantou a possibilidade de que o autismo teria causas biológicas.

O diagnóstico do autismo pode ser demorado, visto que deve haver apoio de pediatra, equipe multidisciplinar e da família. O diagnóstico é realizado através das observações no comportamento e o relato do acompanhamento dos pais junto à criança. Segundo Bosa (2002), após o diagnóstico do transtorno autístico, é necessário que o processo do tratamento seja inserido no cotidiano da criança considerando as singularidades de cada indivíduo bem como suas necessidades específicas.

Segundo Moreira (1999), a teoria de Vygotsky sobre a aprendizagem, a formação cognitiva humana dá-se numa relação dialética entre o sujeito e a sociedade, ou seja, a partir das interações sociais que o sujeito tem com o ambiente, o qual pode trazer experiências pessoais significativas. Nessa mesma teoria, todo aprendizado é necessariamente mediado, seja para a criança com ou sem deficiência. É um grande desafio para pais, professores e sociedade buscar maneiras eficazes

para promover a aprendizagem de uma criança com autismo, visto que há uma dificuldade encontrada nessas crianças na comunicação e na interação social que afeta o desenvolvimento global, e assim, a vida em sociedade. A importância da família no aprendizado da criança é essencial para que haja sucesso.

O cérebro humano é considerado o centro que comanda todo o nosso ser e possui uma alta capacidade de plasticidade. Logo, para haver uma aprendizagem satisfatória, é preciso haver uma harmonia entre todas as vias sensoriais (visual, auditivo, gustativo, olfativo, tátil, cinestésico). Em se tratando de indivíduos com autismo, fica evidente a partir de estudos que não há uma perfeita harmonia entre os sentidos. Por isso, que busca a partir de ajuda e apoio diversos levar o sujeito de onde está para onde se deseja chegar, partindo do seu saber e da capacidade real para atingir suas capacidades e saberes reais. Esse movimento de mediação é classificado por Vygotsky de ZDP, ou seja, Zona de Desenvolvimento Proximal (MOREIRA, 1999).

Para a aprendizagem de pessoas com autismo, faz-se necessário oportunizar diferentes vivências em ambientes formais ou não formais, ou seja, a oportunização de vivências e experiências compartilhadas nos mais diversos espaços sociais. É necessário ainda um ambiente familiar e educacional estruturados que ofereçam estratégias de mediação, adaptação e flexibilidade. Sempre respeitando a condição particular de cada sujeito e seu modo de funcionamento cerebral. Como já foi explanado o TEA é caracterizado por déficits na comunicação, interação social, além disso há padrões repetitivos e restritivos de comportamento. Há a existência também do hiper foco, que seria o interesse demasiado por algum assunto. E muitas vezes, junto com o TEA vêm as comorbidades, que pode ser deficiência intelectual ou transtorno na linguagem. O Transtorno do Espectro Autista é classificado na atualidade a partir de níveis de gravidade em leve, moderado e severo que devem ser avaliados.

Já em relação ao processo de aprendizagem, deve haver estimulação das funções cognitivas. Muitos não conseguem ter pensamentos abstratos, mas sim baseados no concreto e no visual para haver uma aprendizagem eficaz. Outros são mais auditivos que visuais e apresentam formas distintas de expressar suas capacidades intelectuais.

O conhecimento é um processo, ou seja, há uma reorganização progressiva e uma construção individual que constantemente é modificado com novos saberes para assim atingir um equilíbrio.

Nessa perspectiva, a fim de promover a aprendizagem de todas as crianças, independentemente das suas especificidades e dificuldades como o autismo, objeto deste estudo, é pertinente que a/o docente atue de forma lúdica para a criança ter um maior êxito no processo de ensino aprendizagem ao desenvolver atividades como "sopa de letrinhas" quando estiver trabalhando o alfabeto, bem como utilizar jogos educativos como, por exemplo, o " jogo do cheiro", que desperta as crianças em relação aos sentidos e como estes agem no ambiente. Outras possibilidades são os jogos on-line, o uso de massa de modelar, os jogos de quebra-cabeça, os fantoches, as atividades com pintura, enfim, há um sem-número de possibilidades. Ou seja, a prática docente planejada a partir da ludicidade e do divertimento, uma vez que "ambas são apropriadas para consolidar as atividades humanas, ou seja, a experimentação, que são trabalhadas de forma que garanta uma melhor compreensão e, assim, ajudar a desenvolver uma aprendizagem significativa" (SOUSA; MOURA, 2021, p. 04)

Nesse sentido, Cunha (2005, p. 126) destaca que:

Quando tentamos dar prazer a uma criança autista, precisamos antes entrar em empatia com ela para captar o que seria adequado a sua forma de expressar-se. Fazer o que ela está fazendo pode ser um bom começo, uma forma de estabelecer comunicação.

Diante de todo o exposto, é necessário avaliar e conhecer a criança e sua capacidade de tolerância aos mais diversos estímulos e bem como seu limite de tolerância ao tempo em sala de aula. É importante que haja um sistema de registros individual para haver um melhor acompanhamento e progresso em relação à criança, objetivando os avanços e recuos no processo de desenvolvimento não só das crianças com autismo, mas de todas os alunos inseridas no contexto da sala de aula.

4 Considerações finais

Esse artigo teve como enfoque refletir sobre o TEA e os desafios no contexto da educação inclusiva, ou seja, entender quais as dificuldades e os desafios na aprendizagem de alunos com autismo, bem como suscitar caminhos, a partir da tessitura deste escrito, a fim de contribuir para a educação integral dos alunos e que, independentemente das suas especificidades, possam desenvolver novas habilidades.

Nesse aspecto, pode-se dizer que o objetivo foi alcançado uma vez que é notório que a educação é para todos e que a prática educativa pode vir a ser um ato inclusivo a todo o momento, sobretudo no que se refere ao intuito de construir um ambiente prazeroso de aprendizagem para as crianças.

Sabe-se, que o autismo é um transtorno que compromete o aprendizado do indivíduo, dificultando a realizar interações com o mundo ao seu redor, ou seja, de se socializar com outras pessoas. Ainda que esta seja uma temática que esteja constantemente na mídia, contudo ainda há muita desinformação em relação ao assunto, portanto, é fundamental que estudos como este sejam desenvolvidos tanto pela contribuição que trazem à sociedade quanto pela disseminação do conhecimento relacionado a tal temática.

Portanto, tanto a escola no seu papel de educar para a autonomia e emancipação dos sujeitos, como a sociedade pela obrigação de respeitar a todos sem distinção, têm o compromisso de promover um ambiente oportuno para a socialização de todas as crianças, inclusive, as crianças com autismo.

Referências

ALVES, M. de M. C.; LISBOA, D. de O.; Autismo e inclusão escolar. *In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE*, 9., 2010, Laranjeiras/Sergipe. **Anais...** Disponível em: http://educonse.com.br/2010/eixo_11/e11-25a.pdf. Acesso em: 27 jun. 2021.

ARRUDA, A. T. F. F. P.; CASTRO, E. L. de; BARRETO, R. F. de. Inclusão no ensino superior: um desafio para a docência: . **Ensino em Perspectivas**, v. 1, n. 2, p. 1–6, 2020. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4534>. Acesso em: 11 ago. 2021.

BORGES, T. D. de F. F. **Ensino da matemática e aprendizagem da pessoa autista**: contribuições da Teoria Instrucional de Robert Gagné. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/30933/1/EnsinoMatem%C3%A1ticaAprendizagem.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2021.

BOSA, C. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In: BAPTISTA, C. R.; BOSA, C. A. (Orgs.). **Autismo e educação**: reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases – Lei 9394/96** de 20 de Dezembro. Disponível em: presrepublica.jusbrasil.com.br. Acesso em: 10 ago. 2021.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, Janeiro de 2008, p. 1-19. Disponível em: portal.mec.gov.br. Acesso em: 10/08/2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação. **PNEE: Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida**/ Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação – Brasília; MEC. SEMESP. 2020. 124p. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mec-lanca-documento-sobre-implementacao-da-pnee-1/pnee-2020.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2021.

CUNHA, N. H. S. Distúrbios de Comportamento. Seção III: Temas pedagógicos, cap. XIX. In: CAMARGOS JUNIOR, Walter; *et al.* **Transtornos Invasivos do Desenvolvimento**: 3o Milênio - Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2005. Disponível em: www.fcee.sc.gov.br. Acesso em: 22 jun. 2021.

DUMAS, J. E. **Psicopatologia da infância e da adolescência**. Tradução: Fátima Murad. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GAIATO, M.; TEIXEIRA, G. **Rezinho autista**: guia para lidar com comportamentos difíceis. São Paulo: nVersos Editora, 2018.

MOREIRA, M. A.; **Teorias de aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.

OLIVEIRA NETO, B. M. de. Gestão pública da educação infantil: o trabalho coletivo em benefício de um ensino significativo. **Ensino em Perspectivas**, v. 1, n. 1, p. 1–

11, 2020. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4525>. Acesso em: 11 ago. 2021.

SALLE, E.; et al. Autismo Infantil: sinais e sintomas. Seção 1: Temas médicos, cap. 1. In: CAMARGOS JUNIOR, W.; et al. **Transtornos invasivos do desenvolvimento**: 3º Milênio - Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2005. Disponível em: www.fcee.sc.gov.br. Acesso em: 22 jun. 2021.

SOUSA, F. V. P. de; MOURA, A. S. B. O lúdico como instrumento metodológico no ensino remoto. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 4, p. 1–10, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6397>. Acesso em: 11 ago. 2021.

SOUZA, A. S. de; OLIVEIRA, G. S. de; ALVES, L. H. A Pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, p. 64-83/2021. PDF. Disponível em: www.fucamp.edu.br. Acesso em: 22 jun. 2021.

SULKES, S. B. **Transtornos do espectro autista**. Manual MSD - versão saúde para a família, 2020. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/pediatria/dist%C3%BArbios-de-aprendizagem-e-desenvolvimento/transtornos-do-espectro-autista>. Acesso em: 10 ago. 2021.

ⁱ **Núbia Maria Gomes Silveira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8630-6286>

Curso de Pedagogia, Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará
Graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará.

Contribuição de autoria: Pesquisa e redação.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8633946229011428>

E-mail: nubia.silveira@aluno.uece.br

ⁱⁱ **Laissa Karen Faustino Santos**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8869-8287>

Curso de Pedagogia, Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará
Graduada de Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará.

Contribuição de autoria: Pesquisa e redação

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9931984159080141>

E-mail: laissafaustino1997@hotmail.com

ⁱⁱⁱ **Francinalda Machado Stascxak**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6152-4295>

Universidade de Estadual do Ceará, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação

Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Formação de Formadores (UECE). Especialista em

Gestão e Coordenação Escolar (Uni7). Membro do grupo de pesquisa Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO).

Contribuição de autoria: Pesquisa, redação e revisão final.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5931710025183515>

E-mail: naldastascxak@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

PAGE

Como citar este artigo (ABNT):

SILVEIRA, Núbia Maria Gomes; SANTOS, Laissa Karen Faustino; STASCXAK, Francinalda Machado. Os desafios das crianças com autismo à Educação Inclusiva. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-12, 2021.